

Interconexões entre Linguística Aplicada e práticas de atenção à saúde: Linguagem e Identidades na prevenção de DSTs/Aids entre travestis profissionais do sexo

|¹ Rodrigo Borba |

Resumo: Este artigo propõe aproximar a Linguística Aplicada de um contexto pouco estudado nos estudos da linguagem no Brasil: a prevenção de DST/Aids. Com base em uma perspectiva não essencialista das relações entre linguagem e identidades sociais, discute-se a importância de atentarmos ao uso de linguagem nesse contexto e descreve-se a construção interacional de identidades em intervenções para distribuição de preservativos entre travestis que se prostituem em uma região urbana do sul do Brasil. Os dados indicam que, durante as intervenções, Sandra e Márcia, mulheres em gênero e sexo, engajam-se em interações nas quais utilizam intertextos identitários associados a identidades não tradicionais e, assim, produzem o efeito de adequação de suas identidades às travestis e ao contexto interacional onde se inserem. Argumenta-se que linguagem, identidade e intertextualidade são construtos fundamentais para entendermos esse contexto interacional e para o combate à disseminação de DST/Aids.

► **Palavras-chave:** prevenção de DST/Aids; Linguística Aplicada; identidade; intertextualidade; travestis

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas. Endereço eletrônico: borba.rodrigo@terra.com.br

Recebido em: 24/09/2010
Aprovado em: 15/12/2010

Introdução

Pesquisas nas ciências sociais e humanidades sobre a epidemia causada pelo HIV/Aids têm gerado importantes ganhos epistemológicos, epidemiológicos e intervencionistas para o combate à disseminação da doença. Esses estudos têm problematizado as implicações antropológicas, sociológicas, políticas, identitárias e psicológicas da epidemia na sociedade em geral e na vida das pessoas que vivem e/ou convivem com o vírus (PARKER, 2002; PARKER; GAGNON, 1995; UZIEL; RIOS; PARKER, 2004). Com efeito, ao contrário de algumas investigações epidemiológicas de cunho quantitativo que focalizam aspectos do contágio e da prevenção do HIV/Aids de forma massificada e descontextualizada (e que em grande parte baseiam as políticas governamentais de saúde)¹, esses estudos se preocupam com o particular e o contextual e sugerem que estratégias de prevenção baseadas nas experiências, nas práticas e nos significados construídos localmente por indivíduos em um contexto de intervenção são mais adequados para restringir a disseminação do HIV/Aids em comunidades particulares (ver, por exemplo, TERTO Jr., 2002, 1999; TERTO JR. et al., 1995; PELÚCIO; MISKOLCI, 2009; PELÚCIO, 2009; PARKER, 2002; LEAP, 1991; entre outros). Ora, como indica o antropólogo William Leap (1991, p. 287),

os esforços para restringir a disseminação do vírus e minimizar seus efeitos na saúde e no bem-estar de comunidades particulares devem proceder com base em estratégias de intervenção baseadas nas experiências particulares das pessoas envolvidas.

Embora extremamente relevantes para a elaboração de políticas públicas de prevenção eficientes, grande parte desses estudos parece ignorar uma faceta importante (quicá crucial) na distribuição de informações sobre a doença e combate à epidemia: a linguagem. A existência dessa lacuna surpreende, visto que é por meio da linguagem e com base nela que informações sobre como evitar o contágio são disseminadas.

Tendo esse cenário como pano de fundo, neste artigo apresento uma tentativa de aproximar as investigações sobre a prevenção de DST/Aids a uma área de estudos que pode trazer benefícios para a elaboração de políticas de combate à epidemia: a Linguística Aplicada (LA, doravante). Para tanto, no que segue, discuto brevemente os pressupostos que guiam os estudos contemporâneos em LA para, a seguir, descrever como ela pode contribuir na prevenção de DST/Aids.

Consoante Moita Lopes (2006), as pesquisas em LA devem falar à vida social e, ao “criar inteligibilidades sobre problemas sociais nos quais a linguagem tem papel central” (MOITA LOPES, 2006a, p. 14), propor alternativas para as vidas daqueles e daquelas que estão às margens, sofrendo privações culturais, identitárias, sociais, etc.² Essa responsabilidade social implica a “elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação” (ROJO, 2008, p. 74) para que se possa vislumbrar “novas possibilidades para a vida social mesmo que elas não sejam mais do que possibilidades emergentes, que possam de alguma forma questionar práticas sociais naturalizadas e, principalmente, colaborar na construção de alternativas para o sofrimento humano” (MOITA LOPES, 2009, p. 38). Esse empreendimento só pode ser alcançado se considerarmos que, na contemporaneidade, a necessidade de construir “conhecimento prudente para uma vida mais decente” (SANTOS, 2003 apud MOITA LOPES, 2006b, p. 89) é imperiosa. Este projeto epistemológico engloba:

- a) O entendimento de que a linguagem é uma prática social e de que, ao estudar a linguagem, estamos também estudando a sociedade e a cultura das quais ela faz parte;
- b) A premência de uma LA disciplinarmente mestiça, i.e. interdisciplinar, que dialogue intimamente com teorias que falem à vida social;
- c) A redefinição dos sujeitos de pesquisa e a necessidade de “criar inteligibilidade sobre a vida social contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem” (MOITA LOPES, 2006b, p. 86);
- d) A necessidade de fazer LA como uma prática problematizadora que questiona e recusa respostas definitivas, que vê a linguagem como uma questão política e se preocupa com os desdobramentos éticos que a pesquisa possa acarretar para aqueles e aquelas cujas práticas investigamos (FABRÍCIO, 2006);
- e) A solidariedade com o outro na vida social (MOITA LOPES, 2009);
- f) A produção de conhecimento sobre o uso de linguagem nos mais diversos contextos sociais, especialmente aqueles cujos participantes sofrem algum tipo de privação social, cultural, identitária, etc. (ROJO, 2006, 2008);
- g) A imprescindibilidade de construir conhecimento situado, considerando a linguagem como um fenômeno social e não como uma abstração descontextualizada e descorporificada (KUMARAVADIVELU, 2006; PENNYCOOK, 2006, 2010).

Grosso modo, esses sete pontos resumem o estatuto epistemológico da LA atualmente. Nota-se uma vontade desses pesquisadores de intervir nos problemas das sociedades contemporâneas: a falta de liberdade, igualdade e solidariedade (SANTOS, 2004). Com isso, propõe-se um paradigma epistemológico que procura a “proximidade crítica” (MOITA LOPES, 2009) e que vai ao encontro dos interesses dos que estão envolvidos nas práticas que investigamos.

Tendo essa discussão em perspectiva, desde 2003 tenho investigado práticas de prevenção de DST/Aids entre travestis profissionais do sexo. Minhas investigações visam à compreensão de como a linguagem é (re)utilizada na educação para o sexo seguro, como práticas responsáveis de cuidado de si entre travestis são significadas e negociadas entre essa fatia da população que carece de atenção específica para suas demandas em saúde (BORBA, 2008^a, 2008^b, 2009, 2010). Acredito que, nesse contexto, o papel da LA seja descrever e problematizar como os indivíduos envolvidos nesses eventos discursivos utilizam a linguagem na construção e administração de significados sobre sua saúde e sobre suas identidades, corpos e sexualidades e, assim, salientar as práticas interacionais que facilitam a (ou interferem na) distribuição de informações sobre saúde para indivíduos transgêneros³. Estudar a linguagem no contexto da atenção à saúde de pessoas transgênero é, assim, estudar como práticas eficientes podem ser implementadas para que a saúde dessa população possa ser satisfatoriamente atendida com base, sobretudo, nas necessidades de transgêneros que emergem de suas interações locais com cuidadores de saúde⁴. Com isso em mente, neste artigo, apresento uma tentativa de aproximar a LA desse contexto, ainda pouco estudado nos estudos de linguagem brasileiros.

A zona de *batalha*⁵: contexto e metodologia de pesquisa

Há aproximadamente três décadas, testemunhamos o surgimento da epidemia causada pelo vírus HIV que, desde então, tem intensificado o interesse coletivo acerca de como exercemos nossa sexualidade e dos problemas de saúde que o vírus pode acarretar. O sexo nunca foi tão visado por discursos públicos e privados que, para o bem ou para o mal,⁶ têm construído regimes de verdade (FOUCAULT, 1996) sobre como indivíduos podem, ou não, ter um comportamento sexual considerado como em risco de infecção. Dentro desse afã discursivo, governos

têm tentado conscientizar a população sobre os riscos de contaminação pelo vírus e sobre como se distanciar da possibilidade de ser por ele atingido.

No contexto brasileiro, as três esferas governamentais têm se ocupado, desde o final da década de 1980, com a conscientização da população por meio de grandes investimentos em projetos publicitários e sociais que visam a espalhar a ideia da necessidade e da importância da prática de sexo seguro (PARKER, 2002; UZIEL; RIOS; PARKER, 2004). Desde então, o governo brasileiro tem patrocinado e orientado projetos de ONGs-Aids que, das mais variadas formas, vêm tentando minimizar os riscos de contaminação por meio de políticas de enfrentamento a comportamentos considerados de risco.

Um dos projetos apoiados pelo governo brasileiro constitui-se de intervenções durante as quais ativistas de ONGs visitam as zonas de prostituição das cidades para distribuir preservativos aos indivíduos ali presentes. É nesse contexto que esta pesquisa se insere. Com base em dados gerados durante 12 meses de trabalho de campo entre 2003 e 2004, trago à baila uma discussão sobre intervenções para prevenção de DST/Aids elaboradas pela ONG Liberdade⁷ entre travestis profissionais do sexo⁸ de uma região urbana do sul do Brasil. O *corpus* constitui-se de interações entre Sandra, a advogada da ONG, Márcia, a secretária (ambas mulheres biológicas) e as travestis⁹ que recebem os preservativos. Durante os meses de trabalho de campo, acompanhei a equipe em cinco intervenções, que foram gravadas em áudio e transcritas seguindo as convenções propostas por Du Bois, Schuetze-Coburn, Paolino & Cumming (1992), que se encontram no anexo. As interventoras abordavam aproximadamente 12 travestis por intervenção, o que constitui um total de sessenta interações e mais de 8 horas de gravação. Durante as intervenções que acompanhei, eu ficava sentado no banco de trás do carro da ONG, com o gravador em mãos, e, assim, não participava efetivamente das interações entretidas entre interventoras e travestis. A ética da pesquisa foi garantida pela entrega de documentos de consentimento livre e esclarecido entregues pelas ativistas da ONG Liberdade e por mim durante várias atividades da instituição. Durante as intervenções, somente as travestis que concordaram em participar da pesquisa tiveram suas interações gravadas. Os dados analisados para este estudo incluem aproximadamente 10 horas de gravação e mais de 400 páginas de transcrições.

O projeto das intervenções tem apoio dos governos Federal e Estadual, que concedem à ONG os preservativos a serem distribuídos. Tais intervenções são efetuadas em um carro, doado à Liberdade pelo Ministério Público, que é dirigido por Sandra. Márcia, durante as intervenções, encarrega-se de entregar os preservativos às travestis abordadas e de anotar em um relatório o número de preservativos entregue em suas incursões semanais nos territórios de prostituição rueira da Cidade do Sul.

Segundo o estatuto da ONG Liberdade, essas intervenções visam (1) à distribuição de preservativos e sachês de gel lubrificante às travestis nos seus territórios de prostituição, e (2) ao anúncio dos diversos serviços prestados pela instituição, como por exemplo, as reuniões que acontecem às quartas-feiras à tarde, oficinas profissionalizantes, aconselhamento sobre questões legais elaborados por Sandra e outra advogada associada à ONG. Segundo a travesti presidente da Liberdade, Cassiana, a incursão de representantes oficiais da ONG nos territórios de prostituição de travestis da Cidade do Sul tem aumentado a popularidade da organização, pois, ao inserirem-se em ambientes nos quais um grande número de travestis se encontram, Sandra e Márcia têm a possibilidade de atingir uma gama maior de profissionais do sexo e tentar convencê-las a participar dos grupos de ativistas ligados à Liberdade.

É importante enfatizar que as intervenções acontecem enquanto as travestis estão vendendo seus serviços no “mundo da noite”. Isso tem implicações cruciais para o serviço das interventoras. Muitas vezes ouvi delas reclamações sobre os perigos enfrentados enquanto efetuavam seu trabalho de prevenção de DST/Aids nos territórios de prostituição de travesti. Benedetti (2005, p. 44) sugere que o “mundo da noite” é “uma dimensão espaço-temporal em que práticas sociais específicas são experimentadas, outros códigos e valores estão em jogo e têm lugar emoções e sentimentos específicos”. Trabalhar no “mundo da noite” significa entrar em contato com uma multiplicidade de práticas sociais particulares que estruturam esse universo.

Outra questão relevante a ser mencionada é que as áreas de prostituição são importantes *milieux* para o aprendizado de gênero das travestis. “Os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de sociabilização, aprendizado e troca” (BENEDETTI, 2005, p. 115); é nesses territórios que elas

encontram ricas experiências de construção de sua identidade como travestis (KULICK, 1998). As intervenções inserem-se nesse contexto. Sandra e Márcia, por construírem-se em categorias identitárias tidas como tradicionais,¹⁰ podem ser consideradas estranhas às práticas generificadoras experienciadas pelas travestis em seus espaços de prostituição, o que pode ser um fator importante na estruturação dos processos discursivo-identitários confeccionados durante as intervenções. Nesses processos, como veremos, as participantes dos eventos discursivos aqui investigados transitam por uma miríade de discursos de identidades construindo-se, assim, de formas múltiplas, moventes e multifacetadas.

Linguagem, Intertextualidade e Identidades

Desde sua inauguração, em meados de século XIX, a ciência linguística tem se preocupado em estudar, sincronicamente, a estrutura das línguas e os sistemas que as constituem. Postulava-se que a linguística deveria se ocupar da descrição minuciosa da estrutura das línguas nos mais diversos níveis: fonológico, morfológico, sintático, etc. Essa visão da linguagem como um sistema de signos abstrato formado por outros subsistemas a serem analisados guiou grande parte dos estudos linguísticos desde então. Seguindo essa perspectiva, linguistas acreditavam que (1) os significados são entidades autônomas, i.e., com uma existência independente da realidade extralinguística; (2) que a função precípua da linguagem é representar tais significados, servindo assim como um representante que liga o mundo real ao linguístico; e (3) que a interação é primordialmente baseada em operações mentais de tradução e interpretação (MARTINS, 2000).

No entanto, Wittgenstein, em suas *Investigações Filosóficas* (2005 [1953]), contesta a perspectiva representacional proposta por linguistas e filósofos da linguagem filiados a essa tradição representacional/essencialista. Com a revolução wittgensteiniana na filosofia da linguagem, referir passa a ser apenas uma entre as inúmeras facetas da linguagem (MARCONDES, 2000). Destarte, a linguagem é, nessa perspectiva, um tipo de ação, uma atividade, um comportamento, uma forma de vida em que agimos e tomamos parte. Com isso, Wittgenstein enfatiza que a linguagem é um fenômeno social por excelência que tem efeitos concretos na vida dos indivíduos.

Em vez de representar o mundo, a linguagem passa a ter um papel constitutivo da realidade e das identidades; isso quer dizer que, ao contrário da visão tradicional da linguística à época de sua consolidação como campo do saber, não falamos A, B ou C porque somos X, Y ou Z. A partir dessa perspectiva, *constituímos-nos* como X, Y ou Z ao falarmos A, B ou C. A perspectiva não representacional proposta por Wittgenstein é basilar para os estudos sobre as identidades sociais. Com ela, o autor nega a existência de um significado e uma identidade dados *a priori*, anteriores à práxis linguística. Devemos, então, adotar uma atitude pragmática com relação à linguagem (CONDÉ, 1998) na qual o uso é a força motriz para o processo de significação.

A visão da linguagem como fenômeno indissociável de seu contexto de produção sociocultural é também compartilhada por Mikhail Bakhtin e seu círculo. Em suas obras (BAKHTIN, 1997; 2003), a relação de representação estabelecida entre língua e mundo extralinguístico, o *leitmotiv* dos estudos linguísticos à época, é deixada de lado, pois Bakhtin e seus parceiros se interessam pelo uso, ou seja, pela emissão, pela produção, pelo discurso produzido e compartilhado por seres humanos em contextos sociais de uso. O círculo de Bakhtin centra sua atenção sobre “o fato de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado” (BRAIT, 1997, p. 97). Desse modo, Bakhtin sugere que a linguagem é um fenômeno social de interação. Para o autor, o papel principal da linguagem é a comunicação (que é sempre considerada em seu contexto sócio-histórico-cultural). Comunicar-se implica agir dialogicamente, i.e., em diálogo com interlocutores/as que estão situados sócio-historicamente.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2003) assevera que nenhum enunciado pode ser apenas atribuído a quem o falou, pois é sempre produzido em relação dialógica. Isso significa que, ao emitir um determinado enunciado, o falante inevitavelmente o direciona a um/a destinatário que, com suas marcas sócio-históricas de gênero, classe social, poder, etc., molda, *a priori*, sua produção. Cada enunciado pertence inerentemente à interação entre falante e ouvinte, pois tanto o produtor de determinado enunciado quanto seu receptor são participantes ativos de sua emissão. O primeiro o articula em palavras, o último o molda com seu *status* sociointeracional. Consoante Bakhtin (2003, p. 328):

[a] palavra [ou enunciado] é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso, encontra-se fora da 'alma' do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas seu ouvinte também tem os seus direitos; também têm seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor [...]. A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto, mas um trio).

Ao falar, ecoamos as vozes de outros participantes da situação de fala que, de alguma forma, já emitiram discursos similares. O autor, no entanto, não afirma que nossos enunciados são sempre cópias de enunciados anteriores. Longe disso. De acordo com sua teoria social da linguagem,

o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele [...]. Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado. Todo dado se transforma em criado (BAKHTIN, 2003, p. 326).

Portanto, o enunciado emerge da interação entre falante, ouvinte e os discursos que os circundam em dado contexto social. Em outras palavras, a linguagem constrói e refrata a realidade. Assim, o falante não pode ser considerado o único autor dos enunciados que faz uso na interação. Esses enunciados são, na verdade, produtos da interação do falante com o ouvinte e com o contexto discursivo onde estão inseridos.

Não há enunciado que não seja repleto de vozes de outros na construção dos significados em interação. Esse fenômeno social de linguagem é chamado por Bakhtin (2003) de "intertextualidade". Esta é um elemento constitutivo de qualquer texto que, para ser inteligível, deve ecoar as vozes presentes na cultura circundante. Obviamente, a comunicação, intertextual por excelência, não é simplesmente uma repetição de vozes encontradas prontas pelos falantes. Muito pelo contrário. Bakhtin (2003) observou que a intertextualidade é também um espaço para exercício da criatividade dos/as interagentes. Ao ecoar palavras alheias em seus enunciados, os/as falantes não apenas copiam o que já foi dito, mas as recriam e moldam seu discurso aos seus interlocutores e ao contexto em que estão interagindo. Consoante Bakhtin, "essas 'palavras alheias' são reelaboradas dialogicamente em 'minhas palavras' com o auxílio de outras 'palavras alheias' [...] e em seguida [nas] minhas palavras [...], já de índole criadora" (BAKHTIN, 2003, p. 402). Desse modo, os/as interagentes têm a possibilidade de remodelar

as vozes alheias presentes em seus enunciados, tornando-as suas, a partir de um processo criativo de adaptação dessas vozes à situação de comunicação.

Neste artigo, utilizo o conceito de intertextualidade para tentarmos entender a produção discursiva de identidades das interventoras em sua relação dialógica com as travestis com quem trabalham. Sandra e Márcia, que têm se construído como mulheres em gênero e sexo, heterossexuais, brancas, de classe média, parecem levadas, nessas interações, a suspender essas identidades e temporária e estrategicamente construir identidades ligadas ao universo da prostituição travesti. Com essas análises, argumento que entender *por que* determinadas identidades são postas em uso na interação é tão importante quanto entender *como* elas são construídas local e sequencialmente (i.e., no turno-a-turno de fala) em um dado encontro social. As análises sublinham, igualmente, que estudar o uso de linguagem em contextos de atenção à saúde e, mais especificamente, na prevenção de DST/Aids é um empreendimento necessário para que possamos mapear os significados dados à saúde/doença, ao corpo e ao sexo, às identidades construídas localmente nesses contextos e à relação intersubjetiva entre interventores/as e profissionais do sexo.¹¹ Estudar esses aspectos situados em interações para prevenção de DST/Aids pode nos oferecer uma ferramenta para que projetos de enfrentamento ao vírus adaptem-se ao que é relevante para os/as usuários desses serviços em seus contextos locais.

A construção intertextual de identidades na prevenção de DST/Aids entre travestis

Interacionalmente, as conversas entre interventoras e travestis mantidas durante a incursão da equipe da Liberdade nos territórios de prostituição da Cidade do Sul são estruturadas de forma que os serviços institucionais da ONG sejam elaborados de forma rápida e efetiva. Durante as intervenções, Sandra e Márcia, além de distribuir preservativos e sachês de gel lubrificante, também anunciam os vários serviços oferecidos pela Liberdade para travestis da cidade. Um desses serviços são as reuniões semanais realizadas todas as quartas-feiras, dia que segue as intervenções. Satisfazendo suas tarefas institucionais, Sandra e Márcia organizam suas falas de forma a poder dar os recados necessários. Assim, as conversas são sequencialmente organizadas em turnos-de-fala chamados de pares adjacentes

(SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Vejamos (aconselho a leitura do anexo para que se possam entender as convenções de transcrição utilizadas):

Excerto 1

- 1 ((buzina))
 2 Sandra: MONA::: ((assobia para chamar Elvira))
 3 (2.6) ((Elvira caminha em direção ao carro))
 4 Márcia: tudo bom? } **par adjacente:**
 5 Elvira: tudo bom Márcia?=} **cumprimento-cumprimento**
 6 Sandra: tudo bom? >amanhã tem reunião<=} **par adjacente: anúncio do serviço-**
 7 Elvira: =ah/ amanha né?=} **recebimento da informação**
 8 Márcia: =aparece lá* } **par adjacente:**
 9 Elvira: amanhã eu vô } **convite para reunião-aceite do convite**
 10 Márcia: ta bom então, tchau } **par adjacente:**
 11 Elvira: tchauzinho ((se afasta do carro)) } **despedida-despedida**
 12 Sandra: ((acelera))

Essa interação ilustra o que chamo de enquadre convencional de intervenção. Consoante Ribeiro e Garcez (2002, p. 107),

o enquadre situa a metamensagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito [...] o enquadre formula a metamensagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem enquanto ação.

Em outras palavras, o enquadre se refere aos arcahouços inferenciais construídos em seqüências de turnos-de-fala; ou seja, responde a pergunta: o que está acontecendo aqui e agora nesta interação? Assim, há enquadres de entrevista de emprego, de conversa entre amigos, de fofoca e, no caso em tela, enquadre de intervenção, que são renegociados e constantemente modificados no decorrer de uma determinada interação. Esse enquadre (a forma como a fala é organizada em turnos adjacentes e que informa os interagentes sobre o que está acontecendo na conversa e sobre as ações apropriadas para os falantes naquele momento) é organizado em pares de turnos-de-fala dos tipos cumprimento-cumprimento (linhas 4 e 5), anúncio de serviço (no excerto 1, a reunião semanal) e confirmação do recebimento da informação (linhas 6 e 7), convite para a reunião-aceite/recusa (L. 8 e 9), despedida-despedida (L.10 e 11). A organização da fala dessa forma

salienta o caráter institucional das intervenções: Sandra e Márcia conversam como representantes da ONG e mantêm essa identidade no centro das atenções interacionais. No entanto, como as análises abaixo indicam, as intervenções são frequentemente reenquadradas (i.e. a organização do que e sobre o que se fala é modificada), o que permite a negociação de identidades e significados que extrapolam o caráter institucional das intervenções.

No excerto 2 abaixo, Sandra constrói duas identidades diferentes: a de travesti e a de cliente de travesti. A interventora ecoa, em seus enunciados, vozes de identidades díspares em poucos turnos desta interação que ocorreu na segunda noite de intervenção que acompanhei:

Excerto 2

- 18 Daniela: ai guria, peguei um gripão que Deus o livre,
 19 e esse vento maldito ainda pra [ajudá::]
 20 Sandra: [vai dá]
 21 chuva=
 22 Daniela: =não vai nada.
 23 Sandra: oi princesa.
 24 Karla: vai tê reunião [amanhã?]
 25 Márcia: [tudo bom?]*
 26 Sandra: tem reunião amanhã.
 27 Márcia: amanhã tem.
 28 (1.2)
 29 Sandra: vamo se aquendá tudo lá.
 30 (0.8)
 31 Daniela: vamo aquendá o baco lá também?=
 32 Sandra: =também!
 33 Daniela: @@@@
 34 Márcia: ó, uma sacolinha pra colocá o lixo.
 35 Karla: ai, arrasô=
 36 Sandra: =isso se chama profissional educada. Jogue o
 37 lixo no lixo

Nesse excerto, após o enquadre de intervenção ter sido estabelecido, na linha 18, Daniela introduz outro enquadre (GOFFMAN, 1974), o de conversa cotidiana, o que possibilita a negociação discursiva de identidades que extrapolam a institucionalidade das interventoras¹² nesse contexto. Esse novo enquadre é

contextualizado (GUMPERZ, 2002) pelo termo de referência “guria” (L.18), que, na região sul do Brasil, é associado à intimidade e à igualdade do status interacional. Dessa forma, o termo de endereçamento “guria”, configura uma troca situacional de códigos (BLOM; GUMPERZ, 2002) – nesse caso, de registro de fala formal para informal - no sentido de que ao ser proferido instaura (1) uma nova forma de organização da fala e do que se fala e (2) uma nova relação social entre interventora e travesti. Ou seja, a partir do uso do termo ‘guria’, a conversa entre Sandra e Daniela parece mais uma conversa entre amigas do que uma conversa entre uma representante institucional e uma usuária do serviço prestado.

Na linha 23, Sandra, ao notar a aproximação de Karla, cumprimenta-a utilizando um enunciado que, segundo minhas informantes travestis, é típico de seus clientes, “oi princesa”. Dessa forma, a interventora faz uso da voz dos clientes das travestis na sua construção identitária durante essa interação, apropriando-se de “palavras alheias” e reelaborando-as em “suas palavras” (BAKHTIN, 2003) produzindo, assim, o efeito interacional de adequação (BUCHOLTZ; HALL, 2004) de suas identidades consideradas tradicionais ao contexto onde a interação ocorre e a sua interlocutora. Essa análise sublinha o fato de que, nesse contexto, as identidades institucionais das interventoras (aquelas ligadas ao seu trabalho na ONG Liberdade às quais determinados assuntos e formas de falar estão associados) não são mais relevantes para os interesses locais negociados entre travestis e interventoras. Essa “desinstitucionalização” interacional das identidades das interventoras indica que a prevenção de DST/Aids entre as travestis participantes da ONG gira em torno de uma relação menos assimétrica e mais sensível aos significados e às identidades que constituem o universo linguístico-identitário dessas profissionais do sexo.

Logo em seguida (L.24), Karla, ao aproximar-se, reintroduz o enquadre de intervenção ao perguntar se “vai ter reunião amanhã”, trazendo assim a identidade institucional das interventoras novamente para o foco da interação. Contudo, essa intervenção já havia sido reenquadrada (L.18), ou seja, o tipo de organização dos turnos de fala e de relação entre falantes havia sido modificado, o que possibilita a negociação de variadas identidades. Isso pode ser verificado na linha 29, quando Sandra efetua uma alternância metafórica de códigos (BLOM; GUMPERZ, 2002) – mudança do português para a linguagem cifrada das travestis – utilizando um código comum entre as travestis, o *bajuba*¹³, construindo, por intermédio da

voz das travestis, o que Bucholtz e Hall (2004, p. 495) denominam *semelhança suficiente*. Segundo essas autoras, diferenças entre interlocutores são deixadas de lado em favor de semelhanças percebidas ou interacionalmente construídas, pois são consideradas contextualmente mais relevantes para os propósitos identitários colocados em jogo em uma determinada interação (ver BUCHOLTZ; HALL, 2003, 2004, 2005). Assim, ao fazer uso do *bajubá*, Sandra parece diminuir suas diferenças identitárias e engaja-se em um projeto interacional que a constitui, à luz desse intertexto, como semelhante às travestis com quem interage. Esse processo de apagamento de características ideologicamente discordantes pode ser considerado como uma estratégia utilizada pela interventora na produção intertextual de uma *performance* identitária que não destoe do contexto onde está inserida durante as intervenções e de suas interlocutoras. Dessa forma, Sandra se posiciona, intertextualmente, ao falar “vamo se aquendá tudo lá”, como travesti.¹⁴

O processo de adequação engendrado na administração das diferenças entre interventoras e travestis, por meio do qual as *performances* identitárias habitualizadas das mulheres que entregam preservativos às travestis são temporariamente suspensas, é local e sequencialmente construído. Em outras palavras, a cada turno de fala uma pletera de possibilidades identitárias relevantes à interação se abre às interagentes. Com isso quero dizer que as identidades não são pré-discursivas, mas emergem da negociação constante entre interagentes nos encontros interacionais cotidianos. Assim, as identidades podem ser modificadas, reconstruídas, ressignificadas a cada novo turno de fala. A dinâmica constante de identidades nas interações pode ser encontrada no excerto acima.

Podemos perceber, então, que de turno a turno, de identidade a identidade, diferenças percebidas como possivelmente prejudiciais à interação são renegociadas em prol (1) dos projetos identitários dinâmicos dessas interações e (2) da diminuição de diferenças socioculturais e institucionais das interagentes. Identidades são, destarte, um fenômeno discursivo e, *ipso facto*, intertextual, que emerge da negociação intersubjetiva entre participantes de um embate interacional (HALL, 2005). Com isso enfatizo o fato de que, consoante Bucholtz e Hall (2005), identidades não são a fonte preexistente de práticas sociais. São, ao contrário, fenômenos fundamentalmente sociais e culturais que emergem de nosso engajamento com determinados discursos.

O excerto acima nos apresenta os processos sequenciais de suspensão temporária das identidades tradicionais das interventoras, que, ao se posicionarem em discursos ligados ao universo travesti, encenam *performances* de identidades que povoam tal locus sociocultural. Tal suspensão se materializa o meio da utilização de termos indiciais (OCHS, 1992), ou em outras palavras, intertextos, que, ao serem proferidos, produzem as interventoras como participantes de grupos identitários específicos, i.e, como travestis, como cliente de travesti e como profissional do sexo. O caráter intertextual das identidades sociais é, nas intervenções aqui analisadas, potencializado, pois, como vimos, os enunciados das interventoras ecoam vozes pertencentes ao universo linguístico-identitário compartilhado por suas interlocutoras travestis. O que Bakhtin (2003) afirma sobre a intertextualidade é válido, como podemos perceber, à relação entre linguagem e identidade. Parafraseando o filósofo russo, considero que não existem identidades sem voz(es); em cada uma das numerosas identidades que podemos construir em nossas interações diárias, há vozes que ecoam identidades distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, e identidades próximas que soam concomitantemente.

O uso do *bajubá* é talvez a ferramenta linguística mais frequentemente utilizada pelas interventoras na negociação de suas identidades tradicionais na *batalha*. Ao fazerem uso desse código, as interventoras convergem no uso de linguagem (BORTONI-RICARDO, 1984) com as travestis, construindo-se, assim, no mesmo universo linguístico-identitário que suas interlocutoras transgênero. Vejamos mais esse exemplo, no qual Sandra faz uso fluente da linguagem cifrada das travestis em sua construção identitária.

Excerto 3

- 1 ((pára o carro próximo à Mayka))
- 2 Sandra: VEM CÁ BELÍSSIMA
- 3 Mayka: oi
- 4 Márcia: tudo bom?
- 5 Sandra: escuta, amanhã tem reunião. (0,7) última reunião
- 6 do mês
- 7 Márcia: do ano*

- 8 Sandra: do ano. e depois não tem camisinha. só no outro
 9 ano.
 10 Márcia: amanhã então tem CEM camisinha e gel.
 11 Sandra: amanhã vai lá e pega cem camisinha e gel e dia
 12 dezessete tem a-
 13 Mayka: a festa=
 14 Márcia: =isso. só que vai sê às dezoito e trinta. [vai sê cedo
 15 Sandra: [diz que vai
 16 tê um sorteio de um BOFE belíssimo de neca [odara.
 17 Mayka: [de neca odara
 18 Márcia: @@@@|@@@@@|@@@@@
 19 Sandra: [ta bom?=
 20 Mayka: =ta. brigada.
 21 Márcia: tchau.

Essa intervenção foi gravada em novembro de 2003, quando a equipe da ONG Liberdade se preparava para encerrar os projetos financiados pelos governos Federal e Estadual, limitando-se, a partir de então, a questões burocráticas e administrativas a serem resolvidas na sede da instituição. Aproveitando sua incursão na noite, Sandra e Márcia, durante essa intervenção, avisavam as travestis sobre a última reunião do ano e sobre a festa de lançamento de um livro que a ONG à época organizara. No dia posterior a essa intervenção, haveria a distribuição de um grande número de preservativos e as interventoras tentavam convencer suas interlocutoras a participar desse encontro para abastecer seu estoque de camisinhas e gel lubrificante. Dessa forma, a identidade institucional de Sandra e Márcia é uma constante construção no excerto acima (L. 4-14) e emerge de sua orientação ao anúncio de questões relativas ao funcionamento da ONG. No entanto, nas linhas 15 e 16, Sandra, provavelmente com o intuito de convencer Mayka a participar da “última reunião do ano”, alterna códigos, posiciona-se em discursos do *bajubá* e, assim, engendra a encenação de uma identidade travesti, deixando temporariamente de lado sua identidade institucional anteriormente construída. Afirmando que, segundo boatos, haveria o sorteio de “um bofe belíssimo de neca odara”, Sandra parece tentar motivar sua interlocutora a participar da reunião. Esse enunciado indica que um belo homem com grande órgão sexual estaria à disposição das travestis presentes na reunião.

Mayka se orienta a esse fato e co-constrói o turno de Sandra através de uma sobreposição de falas (L.17) indicando que antecipou o que Sandra diria em tal enunciado ao ouvir a palavra *neca* (pênis em *bajubá*).

No dia seguinte, participei da “última reunião do ano” e pude perceber que, além de mim, mais nenhum “bofe” (belíssimo ou não) se encontrava na sala, o que corrobora minha suspeita de que Sandra pode ter utilizado essa informação como uma estratégia de convencimento para que Mayka participasse do encontro. Na quarta-feira à tarde, Mayka entra na sala, vestindo preto e óculos escuros (“chi-quér-ri-ma!”, diziam as travestis sentadas ao meu lado), quicá, a aguardar o sorteio. Prefiro a expressão “estratégia de convencimento” ao termo mentira. Isso se dá pela seguinte razão: a utilização do termo mentira nos levaria a um julgamento da moral e da ética de Sandra ao descrever uma situação irreal. Não é minha intenção julgar os procedimentos utilizados pelas interventoras para angariar mais travestis para os projetos da ONG. Por isso, considero que Sandra, ao inventar que haveria um “bofe belíssimo” na reunião, tinha as melhores intenções e não pretendia enganar sua interlocutora. Muito pelo contrário. O objetivo de Sandra, nesse e em outros momentos do trabalho de campo, foi sempre o de atrair o maior número de travestis possível para as reuniões semanais, visto que nessas reuniões questões importantes sobre prevenção de DST/Aids, direitos humanos e outros eram sempre abordados. Além disso, essas reuniões serviam como importantes lugares de socialização para as travestis da Cidade do Sul. Muitas travestis se encontravam, conversavam, faziam novas amizades, compartilhavam conselhos, emprestavam/compravam/vendiam roupas e cosméticos, etc. Destarte, ao considerar a ‘mentira’ de Sandra como uma estratégia de convencimento, sublinho os esforços despendidos pelas interventoras na execução de seu trabalho na ONG Liberdade.

A construção de múltiplas identidades efetuada por Sandra através desses intertextos nos mostra que as identidades, de modo geral, são intertextuais *par excellence*, o que corrobora as idéias de Bakhtin sobre o caráter intertextual dos textos. Nas palavras do filósofo russo, “nosso discurso, isto é, todos os enunciados [...], é pleno de palavras dos outros [...]. Essas palavras dos outros trazem consigo sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2003, p. 295). Assim, as interventoras, ao fazerem

uso de enunciados ligados aos clientes das travestis e a estas, apropriam-se de formas linguísticas que as constroem como participantes dessas categorias identitárias. Vemos, então, que as *performances* (BUTLER, 2003) de identidades encenadas por Sandra e Márcia são elaboradas por intertextos que aloca as interventoras em lugares sociais pelos quais elas não circulam quando estão fora de seu trabalho na ONG Liberdade.

Outro exemplo da construção intertextual de identidades pode ser visto no excerto que segue, no qual interventora e travesti engendram, conjuntamente, uma *performance* identitária de prostituta para Sandra. Essa *performance* emerge em intertextos linguísticos e extralinguísticos que constroem a interventora como profissional do sexo.

Excerto 4

- 38 Sandra: Qualqué dia desse vô ficá na tua esquina.
 39 [tem lugar]pra mim?=
 40 Daniela: [pode ficá] =com certeza. Claro. Tu
 41 sabe que sempre tem pra ti=
 42 Sandra: =ta. Me diz uma coisa. Que cor o meu
 43 espartilho?
 44 Márcia: @@[@@
 45 Daniela: [que que é?=
 46 Sandra: =MEU ESPARtilho né!
 47 Daniela: Lógico. Bem vermelho, bem puta, bem tudo=
 48 Sandra: =ta. E tu vai me ensiná aquele jogo assim?=
 49 Daniela: =ensino.
 50 Márcia: @@@@
 51 Sandra: ah bom.
 52 (0.8)
 53 Daniela: um jogo pra balançá TUDO que tem direito=
 54 Sandra: bom. Se eu começá a balançá [muito PLAFT cai tudo.
 55 Daniela: [A:::I::: não pode balançá.
 56 Márcia: [@@@@

No contexto que imediatamente precede esse momento da interação, Sandra e Daniela discutiam sobre a quantidade de clientes que circulavam na área. Daniela afirma que o número é bom e que tem feito uma quantia razoável de dinheiro.

Deparada com tal informação, Sandra afirma que vai dividir com Daniela seu ponto (L. 38). A travesti afirma que Sandra tem passagem livre nesse contexto e que, se quiser, pode se prostituir ali. É nesse enquadre que a interventora, sublinhando o poder simbólico da travesti nesse contexto, pede a Daniela conselhos sobre sua vestimenta: “que cor o meu espartilho?” (L. 42). Daniela parece não ter entendido o que Sandra afirmou (afinal, como uma advogada poderia pedir tal informação?) e, na linha 45, pede à interventora que repita a pergunta. Sandra imediatamente reitera, em volume mais alto, a informação que precisa (L. 46). É aí que Daniela consolida o intertexto recém-produzido por Sandra dizendo que para ser prostituta (e ter muitos clientes) ela deve usar um espartilho “bem vermelho, bem puta, bem tudo”.

No excerto 4, Sandra e Daniela co-constroem a *performance* de prostituta sugerida no enunciado utilizado pela interventora na linha 38. Essa construção é elaborada pelas interlocutoras a partir de atos de fala (AUSTIN, 1976) (i.e., conselhos sobre vestimenta, pedido de permissão para compartilhar o território de prostituição) e signos que apontam (OCHS, 1992; BUCHOLTZ; HALL, 2003) para uma identidade profissional específica: a de prostituta. Com isso, Sandra e Daniela atualizam a identidade da interventora por meio do uso de formas linguísticas e referências a insígnias da identidade de prostituta, desconstruindo, assim, as posições sociais de classe, profissão e gênero tradicionais adotadas por Sandra no seu dia-a-dia.

As intervenções constituem, nessa perspectiva, jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2005 [1953]) cujas regras são organizadas dialogicamente entre interventoras e travestis a partir da negociação de múltiplas identidades. A construção intertextual de uma *performance* de prostituta elaborada conjuntamente por interventora e Daniela continua nas linhas 48-53, nas quais Sandra pede a Daniela que a ensine um movimento corporal utilizado pelas travestis para exibir seus atributos físicos (colocando as mãos nos quadris, balançando os seios e mexendo lentamente a cabeça para jogar os cabelos de um lado para o outro). A referência a essa prática corporal nos mostra Sandra se valendo de um intertexto extralinguístico na construção de sua *performance* e, sublinhando, assim, o capital simbólico de Daniela nesse contexto. Tal intertexto parece funcionar como uma tática de autenticação (BUCHOLTZ; HALL, 2003, 2004) da identidade de Daniela como prostituta eficiente, i.e., que conhece as práticas simbólicas e

corporais valiosas em seu ponto de prostituição. Essa autenticação é enfatizada na linha 54, na qual Sandra menospreza sua própria capacidade para elaborar tal prática corporal (“se eu começá a balançá PLAF T cai tudo”) orientando-se desfavoravelmente a sua *performance* e deixando implícita, em comparação com Daniela, sua inabilidade para tal tarefa. A travesti, defrontada com a ineficiência da *performance* de Sandra, consolida sua “superioridade de gênero” indicando que Sandra “não pode balançar” (L. 55) o corpo do jeito que ela o faz. Essa negociação é interrompida no momento que um possível cliente passa de carro pelas interlocutoras. Daniela, sem titubear, o chama e, exibindo seu corpo, engaja-se no movimento que impossibilita Sandra de encenar, intertextualmente, uma *performance* de eficiente profissional do sexo.

Excerto 5

- 57 Daniela: a loca!
 58 Sandra: ta meu amor
 59 Daniela: ta meu amor. (0,7) oi barbudinho vem cá amor. ((chama
 60 um motorista de um carro e mostra seus seios, balançando o tronco))
 61 Karla: vai! Tchau, beijo.
 62 Sandra: tchau (0,5) até amanhã::
 63 Daniela: ((grita para Júlia)) Liberdade querida. camisinha
 64 à vontade

As interações acima analisadas indicam que a identidade é um construto discursivo (e como exemplificado nos excertos 3 e 4, corporal) por excelência, que transita em contextos locais de uso de língua por meio de intertextos disponíveis às interagentes. Neste artigo, guiado por uma perspectiva não essencialista da linguagem, assim como proposta por Wittgenstein e pela teoria bakhtiniana da intertextualidade, descrevi como e por que determinadas identidades são construídas com base em intertextos que ligam as interventoras a identidades que povoam o universo *trans* (BENEDETTI, 2005). Já que os significados (e as identidades a eles relacionados) não são inerentes às palavras (e aos indivíduos), mas construídos no uso delas feitas em um contexto sócio-histórico, Sandra e Márcia têm a oportunidade de fazer uso de certas vozes para produzir o efeito de adequação de suas identidades tradicionais à zona de *batalha*. Como nesse

contexto as travestis têm capital simbólico (BOURDIEU, 1985) por fazerem parte constituinte e constitutiva das práticas ali construídas, as interventoras parecem ser forçadas a transitar por uma multiplicidade de identidades e, assim, não destoam completamente do contexto onde se encontram durante as intervenções.

Podemos inferir, pelas análises acima elaboradas, que essas intervenções são primordialmente estruturadas sobre táticas discursivas que sublinham o capital simbólico (BOURDIEU, 1985) das travestis nos seus territórios de prostituição. As interventoras fazem muito mais do que simplesmente entregar preservativos às suas interlocutoras. Notadamente, essa entrega é raramente verbalizada. Destarte, as intervenções parecem servir como pano de fundo para o empoderamento e legitimação das construções de identidades elaboradas pelas travestis: um dos objetivos político-ideológicos da ONG Liberdade, que visa à melhoria da qualidade de vida das travestis na Cidade do Sul.

Comentários finais: Linguística Aplicada e prevenção de DST/Aids

Vislumbra-se, neste estudo, uma sugestão teórico-metodológica de alargamento do escopo temático da Linguística Aplicada (LA) com base nos argumentos que propõem a premência de nos engajarmos em práticas de pesquisa interdisciplinares e, sobretudo, social e eticamente responsáveis (MOITA LOPES, 2006, 2009). As análises acima apresentadas estão em consonância com uma perspectiva de LA socialmente responsiva (MOITA LOPES, 2006), que tem um compromisso de produzir conhecimento situado sobre a linguagem, entendendo-a como fenômeno social e “imbricado em ampla amalgamação de fatores contextuais”, como indica Fabrício (2006), com utilidade para problemas de cunho social. Nesse sentido, O foco de interesse desse campo de produção de conhecimento é todo e qualquer evento social mediado pela linguagem. O uso desta nos coloca em sociedade, e com ela fazemos coisas no mundo social (afirmamos, perguntamos, elogiamos, cumprimentamos, praguejamos, prometemos, explicamos, amamos.). Assim, ela é utilizada em interações que regulam e moldam e, *mutatis mutandis*, são reguladas e moldadas pela relação entre o eu e o outro. Ao utilizarmos a linguagem, temos a possibilidade de nos aproximarmos (ou distanciarmos) de nossos interlocutores.

Como indica Rajagopalan (2003:39), “a saúde de uma disciplina se mede pela presteza com a qual ela consegue responder a novas realidades que surgem no mundo em que vivemos.” Dessa forma, a proposta de aproximar a LA da prevenção de DST/Aids e de contextos de atenção à saúde de forma mais abrangente (ver, por exemplo OSTERMANN; SILVA, 2009; OSTERMANN; SOUZA, 2009, 2011; SELL; OSTERMANN, 2009) pretende preencher essa lacuna. A proposta não é apenas epistemológica, mas também política. Acredito que estudar as interações entre cuidadores de saúde e travestis profissionais do sexo, como este artigo ilustra, pode trazer ganhos epistemológicos e práticos significativos para esse campo de estudos. Com essa proposta, podemos alargar a compreensão sobre as relações entre linguagem e identidade, entre linguagem e gênero, linguagem e corpo, entre indivíduos transgêneros e linguagem, entre interação e identidade, entre práticas de atenção à saúde e linguagem. Destarte, ao trazer para o centro das investigações questões identitárias e de acesso a serviços essenciais para a saúde integral de indivíduos transgêneros como cidadãos socialmente incluídos, tal empreendimento de pesquisa colabora “para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão às margens” (MOITA LOPES, 2006b, p. 85). Acredito, assim, que “pensar sobre a linguagem implica, em última análise, indagar, por um lado, sobre a própria natureza humana e de outro, sobre a questão da cidadania” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 7). Este estudo indica que estudar a linguagem em uso em contextos de atenção à saúde implica, desde essa posição teórica, investigar como cuidadores e seus interlocutores confeccionam (inter)relações por meio da e na linguagem e como essas relações engendram processos de (des)empoderamento de pessoas que (ainda) se encontram às margens da vida social.

Como Silverman e Peräkylä (1990) observam, embora a epidemia causada pelo vírus HIV tenha gerado um grande número de pesquisas nas ciências sociais, o foco de atenção dessas investigações tem sido guiado por questões epidemiológicas e por preocupações com a informação sobre a epidemia e os comportamentos de risco de alguns grupos sociais. Os autores também indicam que a epidemia da Aids não será combatida apenas com a provisão de informações às pessoas. Segundo Silverman e Peräkylä (1990), muitas outras condições devem ser satisfeitas até que essas informações transformem o comportamento sexual dos indivíduos (p. 294). Alguns autores e autoras indicam ainda que a

pesquisa e a prevenção de DST/Aids têm sido reducionistas, pois seu foco tem sido sobre fatores individuais estáticos e não sobre fatores estruturais, contextuais e situacionais específicos (MARTIN, 2006; DÍAZ; AYALA; BEIN, 2002). No entanto, a pesquisa aqui relatada indica que o estudo das identidades e dos significados coproduzidos local e sequencialmente em interações entre cuidadoras e travestis é um importante lugar para a (re)negociação e (re)construção de identidades entre interlocutores/as. Como vimos, a administração das diferenças identitárias entre travestis e interventoras é o eixo ao redor do qual a prevenção de DST/Aids, nos territórios de prostituição de travestis da Cidade do Sul, parece movimentar-se (BORBA, 2009). Dessa forma, ao se construir no mesmo universo linguístico-identitário de suas interlocutoras transgênero, Sandra e Márcia engendram processos interacionais que causam o efeito de aproximação de suas identidades ao contexto social no qual se inserem durante seu trabalho nas intervenções. Essa aproximação pode ter efeitos sobre o comportamento sexual das travestis, pois, afinal, quem dá informações sobre DST/Aids parece conhecer a fundo os significados culturais relevantes entre elas e, mais significativamente, parece realmente importar-se com a melhoria de sua qualidade de vida.

Ao pôr sob escrutínio as dinâmicas discursivas emergentes das interações entre interventoras e travestis da ONG Liberdade, neste estudo, vislumbra-se uma sugestão para o desenvolvimento futuro de projetos de prevenção de DST/Aids entre grupos considerados marginalizados. Com base nas e com as vozes das interventoras e das travestis da ONG Liberdade, podemos notar que diferenças potencialmente prejudiciais para os propósitos das intervenções são deixadas em suspensão temporária e outras configurações identitárias, potencialmente mais apropriadas para a obtenção dos objetivos das interventoras, vêm à tona através do engajamento das falantes com intertextos identitários que as posicionam em uma miríade de discursos de identidades.

Talvez a mensagem implícita das interações aqui analisadas seja a de “não resistir ao contato com o outro, não impor de antemão conceitos pré-estruturados [o que] não significa tornar-se o outro, mas permitir ser atingido por ele” (DIAS, 2007, p. 89). Dessa forma, com base nos argumentos construídos neste artigo, podemos afirmar que tanto a pesquisa quanto a prevenção de DST/Aids, em vez de direcionar os esforços de resistência à epidemia somente à disseminação de informações sobre como evitar o contágio, devem, como as intervenções da ONG

Liberdade ilustram, elaborar estratégias de enfrentamento à epidemia com base nas experiências particulares dos indivíduos envolvidos nas práticas discursivas construídas durante os projetos de atenção à saúde. Experiências essas que podem estar relacionadas a muitos fatores, sendo a construção das identidades de gênero e sexualidade dos profissionais do sexo um dos mais salientes (particularmente no caso das travestis). Os intertextos identitários que emergem das intervenções nas áreas de prostituição de transgêneros na Cidade do Sul indicam que, para restringir a disseminação do vírus HIV nesse grupo, a esperança é construir estratégias de intervenção centradas nas experiências das pessoas envolvidas; a LA, com seu interesse em produzir conhecimento socialmente responsável, pode servir de aporte teórico-analítico-metodológico na elaboração de projetos de atenção integral à saúde que visem a atingir de forma efetiva o comportamento sexual das pessoas para os quais tais projetos se dirigem.

Referências

- ALTMAN, D. Meanings and Identities in the Time of Aids. In: PARKER, R., GAGNON, J. (eds.), *Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World*. New York: Routledge, 1995, p. 97-106.
- AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1976. 168p.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 421p.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997. 196p.
- BARATA, R. Epidemiologia Social. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.8, n. 1, p. 7-17, 2005.
- BENEDETTI, M. R. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 142p.
- BLOM, J-P.; GUMPERZ, J. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 45-84.
- BORBA, R. *Alteridades em Fricção: discurso e identidade na prevenção de DST/Aids entre travestis*. 2008. 170f. Dissertação (Interdisciplinar de Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008a.
- _____. Discurso e (trans)identidades: interação, intersubjetividade e acesso à prevenção de DST/Aids entre travestis. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 2, p. 441-473, 2009.
- _____. Identidade e intertextualidade: a construção do gênero e da sexualidade na prevenção de DST/Aids entre travestis que se prostituem. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 9, p. 72-97, 2008b.

_____. Intertext(sex)ualidade: A Construção Discursiva de Identidades na Prevenção de DST/Aids entre Travestis. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), v. 49, p. 21-37, 2010.

BORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Do bodies matter? Travestis' embodiment of (trans) gender identity through the manipulation of the Brazilian Portuguese grammatical gender system. *Gender and Language*, v. 1, n. 1, p. 131-147, 2007.

BORBA, R.; OSTERMANN, A.C. Gênero Ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revista de Estudos Feministas*, v. 16, n. 2, p. 409-432, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. Problemas de comunicação interdialeto. *Tempo Brasileiro*, v. 78/79, p. 9-32, 1984.

BOURDIEU, P. The Social Space and the Genesis of Groups. *Theory and Society*, v. 14, p. 723-744, 1985.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 91-104.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Language and Identity. In: DURANTI, A. (ed.). *A companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Basil Blackwell, 2003, p. 268-294.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Theorizing Identity in Language and Sexuality Research. *Language in Society*, v. 33, n. 4, p. 449-515, 2004.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and Interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, v. 7, n. 4-5, p. 585-614, 2005.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.

CONDÉ, M.L. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annabume, 1998. 146p.

DIAS, M. A pesquisa tem “mirona”: notas etnográficas sobre o fazer etnográfico. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 73-92.

DÍAZ, R.M.; AYALA, G.; BEIN, E. Sexual risk as an outcome of social oppression: Data from a probability sample of Latino gay men in three US cities. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, v. 10, p. 255-267, 2002.

DU BOIS, J.W. et al. (eds.). *Discourse Transcription*. Santa Barbara, CA: University of Santa Barbara Press, 1992.

FABRÍCIO, B.F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). (2006), *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. 79p.

- GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper & Row, 1974. 586p.
- GUMPERZ, J.J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 149-182.
- HALL, K. Intertextual Sexuality: Parodies of class, identity, and desire in Liminal Delhi. *Journal of Linguistic Anthropology*, vol. 15, n. 1, p. 125-144, 2005.
- KULICK, D. *Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 1998. 269p.
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 129-148.
- LEAP, W. Aids, linguistics, and the study of non-neutral discourse. *The Journal of Sex Research*, v. 28, n. 2, p. 275-287, 1991.
- MARCONDES, D. *Filosofia, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARTIN, J. Transcendence among gay men: implications for HIV prevention. *Sexualities*, v. 9, n. 2, p. 214-235, 2006.
- MARTINS, H. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, v. 4, n. 2, p. 19-42, 2000.
- MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. 279p.
- MOITA LOPES, L.P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*, p. 13-44, 2006a.
- MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e a vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*, p. 85-108, 2006b.
- MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. *Gragoatá (UFF)*, v. 27, p. 33-50, 2009.
- OCHS, E. Indexing Gender. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 335-358.
- OSTERMANN, A.C.; SILVA, C. A formulação em consultas médicas: para além da compreensão mútua entre os interagentes. *Calidoscópico (UNISINOS)*, v. 7, p. 97-111, 2009.
- OSTERMANN, A.C.; SOUZA, J. de. Contribuições da Análise da Conversa para os estudos sobre o cuidado em saúde: reflexões a partir das atribuições feitas por pacientes. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1521-1533, 2009.

- OSTERMANN, A.C. ; SOUZA, J. de. As demandas interacionais das ligações para o Disque Saúde e sua relação com o trabalho prescrito. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 55, p. 135-162, 2011.
- PARKER, R. *Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002. 380p.
- PARKER, R.; GAGNON, J.H. *Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World*. New York: Routledge. 307p.
- PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, v. 25, p. 217-248, 2005a.
- PELÚCIO, L. “Toda quebrada na plástica”: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Campos*, v. 6, n. 1, p. 97-112, 2005b.
- PELÚCIO, L. No salto: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 93-124.
- PELUCIO, L. Ativismo Soropositivo: a politização da Aids. *Ilha. Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 9, p. 119-140, 2009.
- PELUCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, v. 1, p. 104-124, 2009.
- PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.
- PENNYCOOK, A. *Language as a Local Practice*. Londres: Routledge, 2010, 168p.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003. 143p.
- RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. *Sociolinguística Interacional*. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 269.
- ROJO, R. Fazer Linguística Aplicada em Perspective Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 253-276.
- ROJO, R. Gêneros de Discurso/Texto como Objeto de Ensino de Línguas: Um Retorno ao Trivium?. In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re]discutir Texto, Gênero e Discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 73-107.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation. *Language*, v. 50, p. 636-735, 1974.
- SANTOS, B. *Do pós-moderno ao pós-colonial. e para além de um e de outro*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2004, mimeo.

SELL, M.; OSTERMANN, A.C. Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: A (des)construção discursiva do homogêneo masculino. *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 53, p. 11-34, 2009.

SILVA, H R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. 1 ed. Rio de Janeiro: Iser, 1993. 176p.

SILVERMAN, D.; PERÄKYLÄ, A. Aids counselling: The interactional organization of talk about 'delicate' issues. *Sociology of Health and Illness*, v. 12, n. 3, p. 293-318, 1990.

TERTO JR, V.S. et al. Aids Prevention and Gay Community Mobilization in Brazil. *Journal of Sid*, Cambridge, p. 49-53, 1995.

TERTO JR., V. S. Seropositivity, homosexuality and identity politics in Brazil. *Culture Health and Sexuality*, v. 1, n. 4, p. 329-346, 1999.

TERTO JR., V.S. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/Aids. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 147-158, 2002.

UZIEL, A.P.; RIOS, L.F.; PARKER, R.G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. 212p.

VALENTINE, D. "We're not about Gender": The Uses of "Transgender". In: LEWIN, E.; LEAP, W (Eds.). *Out in Theory: The Emergence of Lesbian and Gay Anthropology*. Urbana: University of Illinois Press, 2002, p. 222-245.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Vozes, 2005. 352p.

Notas

¹ Neste ponto, chamo a atenção do leitor para estudos realizados na área de pesquisa conhecida como epidemiologia social. Consoante Barata (2005), "a epidemiologia social se distingue pela insistência em investigar explicitamente os determinantes sociais do processo saúde-doença. O que distingue a epidemiologia social das outras abordagens epidemiológicas não é a consideração de aspectos sociais, pois, bem ou mal, todas reconhecem a importância desses aspectos, mas a explicação do processo saúde-doença" (p. 8). Deste ponto de vista, é também importante frisar o fato de que nem todas as pesquisas nas ciências sociais atentam para o contextual e particular. Agradeço ao parecerista que apontou para essa dinâmica epistemológica e metodológica nos estudos sobre práticas de atenção à saúde no âmbito das humanidades e das ciências da saúde.

² O posicionamento teórico de Moita Lopes (2006) e outros/as pesquisadores/as em LA no Brasil e no mundo sugere o alargamento do campo de interesses da LA, área de estudos tradicionalmente (e ainda fortemente) ligada a fenômenos vinculados aos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Este trabalho se insere em uma perspectiva epistemológica que considera que a LA tem muito a contribuir para sociedade em geral, não podendo ser trancafiada na sala de aula.

³ Valentine (2002) indica que 'transgênero', do inglês *transgender*, é um termo guarda-chuva sob o qual podem ser incluídos uma miríade de indivíduos cujas práticas corporais, sexuais, generificadas e linguísticas rompem relações retilíneas e aparentemente coerentes entre corpo, sexo congênito, gênero e desejo sexual. Assim, as travestis são transgêneros, mas nem todas transgêneros se identificam como travestis.

⁴ Outro contexto de práticas de atenção à saúde de transgêneros que merece atenção dos estudos da linguagem são os programas de transgenitalização nos quais pessoas que se identificam como transexuais negociam a legitimação de suas identidades para ter acesso a hormônios e às cirurgias de redesignação sexual. Atualmente, estou envolvido em projeto de pesquisa que tem por objetivo investigar como esse processo de negociação identitária em interações entre médicos e transexuais que pleiteiam as cirurgias de transgenitalização se dá.

⁵ Termo êmico utilizado pelas travestis colaboradoras da pesquisa para se referir aos espaços de prostituição.

⁶ Para o bem, esses discursos têm disponibilizado informações a camadas muito distintas da sociedade e espalhado a necessidade do sexo seguro com relativo sucesso. Para o mal, esses mesmos discursos, desde o início da epidemia, têm construído certos grupos de indivíduos como portadores em potencial do vírus. Essas construções (lembre-se que na década de 1980 a Aids era conhecida como o “câncer gay”) têm estigmatizado grupos que, como veremos mais adiante, vêm tentando se livrar dos rótulos criados pelos discursos da Aids a partir de ações afirmativas como, por exemplo, o ativismo político de ONGs como o Grupo Gay da Bahia e o Nuances em Porto Alegre.

⁷ Por motivos de caráter ético, utilizo pseudônimos para me referir à ONG, à cidade onde a geração de dados ocorreu e a todas as participantes da pesquisa.

⁸ Segundo Denis Altman (1995, p. 102-103) “o termo [profissional do sexo] tem conotações muito diferentes do mais comum ‘prostituta’. [Esse termo] implica uma definição particular [...]: se alguém pratica sexo principalmente para fazer dinheiro essa pessoa é, *ipso facto*, um/a profissional do sexo. ‘Prostituta’ é um termo mais ambivalente, reconhecido em seu uso comum para descrever aqueles/as que praticam todo tipo de atividades não-sexuais; jornalistas, políticos/as e advogados/as são comumente acusados/as de ‘prostituírem-se’, mesmo quando não há referência à transação financeira envolvendo sexo.”

⁹ Utilizo o feminino gramatical para me referir às travestis, pois essa prática está em consonância com o uso feito do gênero gramatical na comunidade estudada. Para discussões mais detalhadas sobre essa questão ver Borba e Ostermann, 2007 e 2008.

¹⁰ À época do trabalho de campo, Sandra tinha 47 anos. Identificava-se como feminista, heterossexual, divorciada, de classe média. Formara-se em Direito por uma universidade federal e tinha 3 filhos (dois dos quais estavam prestes a ir para Israel prestar serviço militar). Márcia tinha 43 anos. Indicada por Sandra à coordenação da ONG Liberdade, trabalhava como secretária da instituição. Identificava-se como heterossexual, mãe de duas meninas e, durante o trabalho de campo, encontrava-se em processo de separação litigiosa de seu marido, a quem frequentemente chamava de ‘traste’. Ambas moravam em casas alugadas na zona sul da cidade, em um bairro de classe média. Por esse motivo, as intervenções começavam nas áreas de prostituição da zona norte da Cidade do Sul e seguiam em direção à zona sul. Normalmente, Sandra e Márcia começavam seu trabalho por volta das 19 horas e terminavam-no aproximadamente às 2 da manhã, quando chegavam nos territórios de prostituição próximos ao bairro onde moravam.

¹¹ Estudos pioneiros no contexto brasileiro sobre a interface entre linguagem e práticas de atenção à saúde têm sido desenvolvidos pelo grupo de pesquisa A Fala-em-interação em Contextos Institucionais e Não-institucionais liderado pela profa. Ana Cristina Ostermann (UNISINOS). Ver Ostermann e Souza (2009), Ostermann e Silva (2009), Sell e Ostermann (2009) e Ostermann e Souza (2011).

¹² O que chamo de institucionalidade das interventoras ou, às vezes, de identidade institucional das interventoras refere-se ao papel interacional que as interventoras devem exercer segundo as características de seu trabalho com prevenção de DST/Aids. Obviamente, essa institucionalidade é contingente e cambiante; em outras palavras, as interventoras não trazem à tona sua posição como representantes institucionais da ONG a todo segundo. Há momentos nos quais essa institucionalidade é linguisticamente deixada de lado, o que permite que outras identidades e outros tipos de relações entre travestis e interventoras sejam negociados.

¹³ O *bajubá* (ou *bate*) é composto por termos de algumas línguas africanas, principalmente o iorubá, sobre a base fonológica e gramatical do português. Ademais, há grande frequência de termos metonímicos e palavras estrangeiras foneticamente adaptadas ao português (ver, SILVA, 1993; KULLICK, 1998; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2005a, 2005b, 2007).

¹⁴ “Vamos se aquendá tudo lá” pode ser traduzido por “vamos nos encontrar lá”.

ANEXO

Convenções de transcrição

As convenções para as transcrições foram adaptadas de Du Bois, Schuetze-Coburn, Paolino & Cumming (1992) e são as seguintes:

MAIÚSCULAS	volume maior
,	entonação continuada
.	entonação decrescente
?	entonação crescente
[]	sobreposição de fala
-	palavra truncada
--	sentença truncada
=	falas engatadas
:::	som prolongado
>fala<	fala mais rápida
<fala>	fala mais lenta
(0.0)	tempo em segundos durante o qual não há fala
(1.0)	
(())	informações fáticas sobre a interação
XXXX	parte de fala inaudível; cada X representa mais ou menos uma sílaba
Falante:	no início de um turno de fala identifica a falante
@@@	risos
*	entrega de preservativos

Abstract

Interconnections between Applied Linguistics and health care practices: language and identity in the prevention of STDs / AIDS among transvestite sex workers

This paper proposes to approach Applied Linguistics to a little studied context in language studies in Brazil: the prevention of STD/AIDS. Based on a non-essentialist view of the relationship between language and social identities, it discusses the importance of minding the use of language in this context and describes the interactional construction of identities in interventions for distribution of condoms among transvestite prostitutes in an urban region of Southern Brazil. Data indicate that during the talks, Sandra and Marcia, female gender and sex, engage in interactions in which they use identity inter-texts associated with non-traditional identities and thus produce the effect of the adequacy of their identities to the transvestites and to the interactional context in which they operate. It argues that language, identity and inter-textuality are fundamental constructs to understand this interactional context and to address the spread of STD/AIDS.

► **Key words:** STD/Aids prevention; Applied Linguistics; identity; inter-textuality; travestites.